



Emília Araújo & Eduardo Duque (eds.) (2012)  
*Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as ciências sociais e humanas*  
Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Centro de Investigação em  
Ciências Sociais  
ISBN: 978-989-8600-07-3

---

## Os tempos sociais rurbanos: múltiplos horizontes temporais, uma só linha temporal

PAULO R. BARONET

*Santa Casa da Misericórdia de Castro Daire*

paulo\_baronet@hotmail.com

### Resumo:

O contexto migratório interno é uma realidade complexa, dinâmica e relacional, definindo múltiplas realidades num mesmo campo de análise. Sendo, por excelência, um fenómeno capaz de transformar a vida de quem se move, as migrações entre o campo e a cidade têm, igualmente, o poder de transformar os modos de uso, de representação e valorização dos tempos sociais..

Este artigo resulta de uma investigação levada a cabo nos últimos 5 anos, da qual resultaram dois estudos de caso realizados no concelho de Castro Daire, construídos metodologicamente sob uma vertente qualitativa, através da qual procuramos explorar como se constroem socialmente as trajetórias e os perfis de saída; as múltiplas relações entre o campo e a cidade; e os significados que os jovens atribuem ao campo e à cidade no decorrer do confronto entre as disposições herdadas na ruralidade e as adquiridas e conquistadas na urbanidade.

Os estudos revelam que os jovens sentem, valorizam, constroem, vivenciam e administram os seus tempos sociais de formas distintas no campo e na cidade. Evidencia-se assim, que os jovens constroem as suas biografias por referência a múltiplas temporalidades que os marcam biograficamente. Além disso, revelam que os jovens se mantêm vinculados episodicamente ao local de origem, mantendo e reforçando as suas memórias familiar e coletiva. Assim sendo, usufruem de temporalidades distintas que os tornam autênticos rurbanos, uma vez que, ao deambularem entre a urbanidade e a ruralidade, vivenciam horizontes temporais distintos (trabalho, lazer, sociabilidades, familiar) que influenciam as suas identidades.

Procuraremos, no âmbito deste artigo, analisar os contrastes de uso, representação e valorização dos tempos sociais vividos na ruralidade e na urbanidade por parte dos jovens migrantes. Defenderemos que esses usos, representações e valorizações são definidores/as de múltiplas realidades que os jovens interiorizam e objetivam nas suas biografias, tornando-os nem rurais, nem urbanos, mas autênticos rurbanos.

### Palavras-chave

Jovens, urbanidade; ruralidade; horizontes temporais; identidade; tempos sociais

---

## 1. Introdução

As migrações são atualmente uma realidade complexa, dinâmica e relacional. Apresentando configurações distintas de processos migratórios anteriores, as migrações são hoje em dia tão reflexivas, interdependentes e complexas; como complexas,

interdependentes e reflexivas são as atuais sociedades. Reflexo de conjunturas económicas, sociais e políticas; de estratégias individuais de promoção de melhores condições de existência; ou fruto de investimentos em mobilidade ocupacional e capital humano, as migrações refletem claramente que nem sempre todas as regiões ou países conseguem proporcionar aos seus habitantes e cidadãos aquilo que ambicionam, «sonham» ou projetam nas suas vidas.

Seja por motivos estruturais, socioeconómicos e políticos, seja por razões individuais, assentes em múltiplas racionalidades e subjetividades, migrar implica, quase sempre, o desejo de melhoria das condições sociais de existência. Esta ideia, de que as pessoas procuram sempre o melhor: a estabilidade; recompensas financeiras, de prestígio e poder; a paz; o sucesso pessoal e profissional; garantias de um futuro próspero, entre outros, é uma representação social comum e interpretada pela generalidade dos migrantes. Podemos, assim, afirmar que a migração é quase sempre motivada por esperanças subjetivas de aperfeiçoamento das condições sociais de existência, que procuram antever os benefícios da migração. Terão sido essas esperanças que levaram um milhão de emigrantes a deixar Portugal entre 1955 e 1930 (Baganha, 1991).

Quer no primeiro ciclo emigratório transoceânico, quer no segundo intra-europeu, os migrantes migraram baseados em estratégias e racionalidades, instrumentais e utilitárias, bem definidas. Como evidencia José Garcia (2000), o Brasil terá sido entendido pelos migrantes como um local de enriquecimento rápido e o Canadá, por sua vez, como um local de fáceis oportunidades de ascensão social. Já a Europa torna-se a partir da década de 60 a «menina dos olhos» de muitos migrantes. «O mito da fortuna» súbita ou, quanto muito, o sonho de uma vida melhor apresentava-se muito mais próximo, no palco do velho Continente» (Garcia, 2000: p. 35).

No que reporta às migrações internas, estas “atingiram a sua máxima intensidade durante o período de 1960-1973” (Ferrão, 1996:p.181). Entendidas, sobretudo, como mobilidades geográficas entre as regiões rurais remotas/periféricas e os agregados urbanos, as migrações internas em Portugal acabam por gerar contrastes territoriais, desequilíbrios demográficos e assimetrias regionais que tornam o país “litoralmente ocupado, com uma condição territorial assimétrica, desequilibrada e urbanamente invertida” (Reis, 2000). A relação entre o campo e a cidade passa, a partir da década de 60, a ser interpretada à luz desses contrastes, assimetrias e desequilíbrios. Desencadeando múltiplas transformações em cadeia (despovoamento do território, diminuição da população ativa, diminuição das taxas de natalidade, progressivo envelhecimento da população, etc.) as migrações entre o campo e a cidade têm, igualmente, o poder de desconfigurar redes de proximidade, as disposições individuais de quem migra, os ritmos sociais rurais e o modo como os jovens apropriam, vivenciam, valorizam e representam os seus tempos sociais. Veremos ao longo deste artigo que os jovens atribuem sentidos diferenciados aos tempos sociais vividos na ruralidade por oposição aos vivenciados na urbanidade. Esta constatação é comprovada pelo recurso a entrevistas em profundidade, que nos permitiram obter, junto dos jovens, informações cognitivas e afetivas (Albarello, 1997) relativamente ao modo como usam, interpretam, valorizam e comparam os horizontes temporais rurais e urbanos.

## 2. As valorizações dos horizontes temporais rurais e urbanos

Advertimos que a leitura que faremos acerca do modo como os jovens valorizam os tempos sociais rurais e urbanos no contexto migratório interno será construída por referência a 3 grupos sociais de migrantes contextualizados no concelho de Castro Daire. Com base na nossa investigação foi-nos possível identificar a seguinte tipologia de migrantes:

1. Grupo de jovens «com capitais culturais, ambiciosos profissionalmente, recompensados, satisfeitos com o emprego e exigentes em relação ao mercado de emprego» que definem a trajetória de ambição;
2. Grupo de jovens «com capitais culturais, “seduzidos” pela cidade, acomodados à vida citadina e desajustados no local de origem» que definem a trajetória de acomodação;
3. Grupo de jovens «desenraizados, apegados ao local de origem, satisfeitos com a cidade que não os satisfaz plenamente e desejosos de se reaproximarem ao concelho» que definem a trajetória de reaproximação.

Tratando-se de grupos sociais qualitativamente distintos e, por vezes, antagónicos, é de prever que cada qual aproprie, valorize e interprete diferencialmente os tempos sociais vividos na ruralidade e na urbanidade. Serão esses contrastes que pretendemos descrever de seguida.

### 2.1 A ambição de controlar o tempo (futuro)!

O primeiro grupo de jovens possui características muito peculiares. Trata-se, sobretudo, de jovens qualificados que, na transição entre a escola e o trabalho, procuraram converter as suas qualificações em possibilidades concretas de mobilidade ocupacional. Movidos pela ambição de acederem ao mercado de emprego primário migraram essencialmente para as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. As suas estratégias de inserção no mercado de emprego são claras: estes jovens «apostam as suas vidas» em cidades de grande dimensão, baseados em esperanças subjetivas e aí mais facilmente conseguem concretizar as suas ambições e projetos de mobilidade ocupacional (carreira organizacional e recompensas financeiras, de prestígio e poder) (Peixoto, 2004) Cristina, gestora na cidade de Lisboa, clarifica esta questão quando afirma:

*“Quando vais estudar tens um objetivo: tirar um curso e de alguma forma esse curso vai-te potenciar a ti próprio na vida profissional [...] Portanto [...] A ideia é tirares dele partido para cresceres e para seres no fundo uma pessoa próspera que cresça profissionalmente [...] As pessoas querem crescer e ganhar mais e então para crescer e ganhar mais têm que ir avançando na carreira. (Sousa, 2010)*

Nesta perspetiva, os horizontes temporais urbanos são recompensantes. Proporcionam a estes jovens “ambiciosos” certas mais-valias que os horizontes temporais rurais dificilmente conseguem oferecer. Apesar de os horizontes temporais urbanos lhes imporem uma série sequencial de tempos «mecânicos», característicos das sociedades

industriais e capitalistas (o tempo dos relógios: o toque do despertador; o tempo de viagem até ao local de trabalho, de metro, carro, barco ou autocarro; o pegar ao trabalho; as pausas de descanso e almoço; as horas extraordinárias; a hora de saída; o retomar da viagem agora no sentido oposto, etc.), estes jovens encaram essas temporalidades com «ânimo leve» porque sabem que o esforço que lhes é pedido será recompensado em bons salários, prestígio e poder. Estamos a falar, sobretudo, de jovens consultores, engenheiros, economistas e gestores que investem o seu tempo em estratégias de mobilidade ocupacional.

O tempo de trabalho é para este grupo de jovens bastante valorizado. E não o poderia deixar de ser! O tempo socialmente produzido na jornada de trabalho é a mais-valia necessária para que este grupo possa aceder a múltiplas experiências construídas socialmente por intermédio de investimentos cognitivos, culturais e materiais (Melucci, 1997).

Sendo o tempo uma categoria básica que influi a construção da experiência, da vivência, do contato, dos múltiplos enlances sociais, ela é valorizada por estes jovens também de forma simbólica e subjetiva. Apesar de a vida destes jovens ser regulada e orientada por um tempo que lhes é externo, um facto social na conceção de Durkheim, nela também há lugar para a conciliação com os tempos interiores (tempos vividos internamente e que influenciam a experiência humana: ambições, afeições, emoções, expectativas, aspirações, entre outros). Podemos, assim, entender que as narrativas destes jovens são construídas biograficamente através da relação que estabelecem entre os seus tempos interiores (aqui entendidos como os momentos em que os jovens refletem a sua experiência baseados em esperanças subjetivas de concretização de «sonhos», projetos e aspirações) e os tempos exteriores (concebidos como os momentos que permitem a realização de tudo aquilo que é projetado internamente).

É por esta razão que o tempo de trabalho é bastante valorizado por este grupo de jovens, porque lhes permite controlar o presente e, conseqüentemente, o porvir (futuro). Tal como postula Pierre Bourdieu, as pessoas têm esta ambição concreta de controlar as regras do jogo e conseqüentemente o porvir (Bourdieu, 1998). Será esse controlo que o primeiro grupo de migrantes procura manter. Assim sendo, o tempo social que vivem é simbolicamente representado por referência a certos valores, que são, no fundo, aspirações concretas de controlarem o presente, pensando no futuro, e arrecadarem das suas experiências sociais, nomeadamente do tempo de trabalho, as maiores recompensas possíveis. Na verdade, estes jovens são os «autênticos estrategas», uma vez que as suas experiências sociais e temporais são vividas estrategicamente por alusão a planos temporais que valorizam a realização profissional e, conseqüentemente, a pessoal. Nas palavras de João, consultor numa multinacional na cidade de Lisboa conseguimos observar o reflexo desta questão:

*“Sou um pouco ambicioso no lado profissional [...] Uma pessoa tem que olhar para o futuro e tem que ter trabalho e tem que constituir carreira [...] Lá está mais uma vez [...] E status também da pessoa [...] Trabalhar ali como varredor e ganhar 2 mil euros ou trabalhar numa grande empresa e ser reconhecido e ganhar 2 mil euros não é a mesma coisa, não é. Eu prefiro trabalhar para uma*

*empresa por 2 mil euros porque sei que daqui a 10 anos posso estar a ganhar 4 mil, enquanto o varredor daqui a 10 anos está a ganhar 2 mil e 50 [...] Castro Daire não é sem dúvida um sítio onde possa constituir a minha carreira, logo eu vou ter que sair do concelho [...] Os meus projetos de futuro é continuar a trabalhar numa grande empresa ou numa pequena média empresa, não interessa, logo que consiga atingir um nível de carreira considerável e um grande grau de conhecimento [...] Sentir-me uma pessoa realizada no fundo [...] Não quero ser rico mas quero ganhar para poder viver bem e poder ter uma família, não ter que me preocupar com dinheiro [...] Para fazer as minhas viagens e tudo isso [...] Ter um carro mais ou menos [...] Ter uma boa qualidade de vida. Logo as minhas expectativas é ter um bom cargo numa boa empresa (Sousa, 2010)*

Neste sentido entendemos que estes jovens têm uma perspetiva temporal aberta que, nas palavras de Melucci (1997:9), “corresponde a uma forte orientação para a auto-realização, resistência contra qualquer determinação externa dos projetos de vida e desejo de uma certa variabilidade e reversibilidade de escolha”.

Seguindo esta argumentação podemos afirmar que, na representação destes jovens, o tempo de trabalho nunca poderia ser vivido nos horizontes temporais rurais, porque, apesar de todas as suas virtudes, não lhes conseguem proporcionar o que mais anseiam: a realização pessoal e profissional assente em estratégias de mobilidade ocupacional. Terá sido a discrepância entre as oportunidades de emprego locais e as suas habilitações, expectativas, projetos e ambições que determinaram a não fixação local. A migração decorre do facto de os horizontes temporais rurais não concederem aos jovens a possibilidade de usufruir de um tempo de trabalho capaz de realizar projetos, expectativas, sonhos e ambições. Apesar de alguns destes jovens terem tido oportunidades objetivas de se fixarem localmente, eles entenderam que essa fixação se tornaria um entrave às narrativas temporais que projetavam nas suas vidas. Isto é, a fixação local dificilmente proporcionaria a vivência, o uso e a valorização de um tempo de trabalho coincidente com os seus projetos e as ambições. Como põem o tempo de trabalho em primeiro plano, e mais, como representam essa temporalidade como potenciadora de mobilidade, sobretudo ocupacional, estes jovens olham o concelho com desinteresse, dada a ausência de condições motivacionais capazes de realizar os seus interesses (a existência de grandes empresas ou setores de atividade que convertam as suas qualificações em oportunidades de mobilidade ocupacional). A ausência de tais condições está estritamente relacionada com a condição periférica do concelho de Castro Daire, caracterizada, sobretudo, a partir de dois traços fundamentais: o fraco grau de integração (baixas taxas de atividade, poucas profissões liberais, técnicos e quadros superiores, indústria de transformação de pequena dimensão), e o forte grau de marginalização (elevadas taxas de desemprego, ainda significativa taxa de analfabetismo, etc.) (Ferrão e Jensen-Butler, 1988).

Deste modo, a valorização que estes jovens atribuem aos horizontes temporais rurais e urbanos é bastante contrastante. Se os primeiros lhes impedem de concretizar projetos e ambições, os segundos conotam-se como atrativos, porque proporcionam, permitem e favorecem o acesso a temporalidades que vão ao encontro das suas aspirações. Estamos a falar do tempo de trabalho, que, tal como já foi descrito, é para os jovens estrategas o mais valorizado.

## *2.2 Os tempos sociais que seduzem os jovens que se deixam encantar!*

No desenvolvimento da nossa argumentação evidenciamos que o segundo grupo de jovens valoriza os horizontes temporais rurais e urbanos de forma distinta do primeiro grupo. Se os primeiros desvalorizam os horizontes temporais rurais por estes não lhes permitir concretizar as suas esperanças subjetivas de mobilidade ocupacional; os segundos desvalorizam esses horizontes porque não conseguiram enquadrar as suas disposições individuais, herdadas e conquistadas na urbanidade, nesses horizontes. Estamos a falar de jovens que migraram para as cidades com base em investimentos de capital humano e cultural e que acabaram por ajustar nas suas vidas, privadas e sociais, um leque diversificado de disposições citadinas, que dificilmente encontram um enquadramento e encaixe no meio rural. Assim sendo, as temporalidades que a ruralidade proporciona aos jovens são consideradas desproporcionais e desajustadas face às temporalidades vividas na urbanidade. No fundo, estamos a falar de mecanismos de desenquadramento entre o que se conquistou na cidade e o que se herdou do campo.

Na transição entre a escola e o trabalho estes jovens optaram por construir as suas biografias na cidade, por referência às temporalidades sociais e pessoais que herdaram e conquistaram nela. Assim sendo, a fixação local não é uma opção para este grupo de jovens, porque ela viria a (des) virtualizar todo o enredo temporal conquistado e herdado nos agregados urbanos. Os tempos de lazer diversificados; as abundantes temporalidades de consumo; os ritmos intensos dos tempos de sociabilidade em contextos diferenciados; o tempo consumido por cultura e práticas de saída regulares; os tempos livres vividos nos espaços da cidade histórica e tradicional ou moderna e cosmopolita são formas de viver e apropriar o tempo, qualitativa e quantitativamente, opostas às proporcionadas pelos horizontes temporais rurais.

As narrativas temporais destes jovens são, assim, construídas socialmente por referência a estes horizontes temporais contrastantes. O tecido urbano, ao proporcionar experiências cognitivas, culturais, sociais e materiais características desse ambiente social, provoca nos jovens a sensação de desfiguração quando estes procuram ver espelhadas, nos horizontes temporais rurais, as imagens que têm de si próprios. A imagem de si que vêm no espelho temporal rural é uma imagem desenquadrada e desproporcional. Por muito que queiram, não conseguem ter uma imagem nítida dos seus “selfs” nesse contexto, porque os horizontes temporais rurais representam o oposto do figurado no espelho temporal urbano. Como expressa Patrícia, médica de família a residir na cidade de Coimbra:

*“Realmente o meio mais pequeno tem a vantagem que é a tranquilidade, enquanto o meio “grande oferece outro tipo de oportunidades. Outras vivências, a nível cultural, de pessoas, que um meio pequeno pode não oferecer. Nós nem sequer temos cinema, não é? Até falar noutra tipo de infraestruturas que culturalmente enriquecem, que existem numa cidade maior [...] Os grandes centros têm outro tipo de oportunidades, talvez conferem uma experiência, um amadurecimento cultural, porque podes ir ao teatro, podes ir ouvir um concerto, podes ir ao cinema, oportunidades que cá se calhar não existem tanto” (Sousa, 2010)*

O enredo temporal no qual são enquadradas as experiências socialmente construídas destes jovens, é tudo menos linear. Se as experiências citadinas são valorizadas de forma identitária, representado e moldando o que os jovens desejam ser e viver, as experiências rurais, tirando as exceções que veremos adiante, são desvalorizadas por não figurarem consoante as identidades, mas, sobretudo, as disposições individuais de crer e agir que os jovens adquiriram ou conquistaram na linha dos horizontes temporais urbanos. Neste sentido, existe uma linha descontínua entre os horizontes temporais rurais e urbanos.

Estes jovens são os «autênticos convertidos» porque ajustaram de tal modo nas suas vidas as disposições individuais (crer e agir) adquiridas e conquistadas na cidade, que não revêm as suas biografias individuais a serem construídas nos horizontes temporais rurais. Convertem, assim, as disposições individuais rurais (ligadas à tradição e ao sentido de lugar) em disposições individuais citadinas (caraterizadas pelo seu caráter moderno e cosmopolita).

O capital psicológico destes jovens denuncia um certo desconforto quando perspetivam uma eventual fixação nos horizontes temporais rurais. Trata-se de um desconforto derivado da representação de que esses horizontes são incapazes de coincidir com o que desejam realmente viver, sentir, ser e fazer. O valor que estes jovens atribuem aos horizontes temporais urbanos é extremamente elevado, correspondendo a um misto de «contemplação e admiração» do tempo vivido na cidade e de «acomodação» a tudo aquilo que ela lhes oferece. Usando as palavras de Isabela diríamos:

*“Talvez por nós sentirmos bem na cidade, porque conhecemos a cidade [...] Porque já estou a viver há 10 anos em Viseu e acho que seria uma grande diferença mudar de uma cidade como Viseu, desenvolvida em vários aspetos, e voltar para Castro Daire. Para um meio mais pequeno” (Sousa, 2010).*

Entre os horizontes temporais rurais e urbanos existem assim mais diferenças que parecenças. Como tal, as valorizações que os jovens fazem de ambos são tão diferenciados como as duas faces de uma mesma moeda. No entanto, como veremos, apesar de esses horizontes serem valorizados de formas distintas, eles também complementam a vida dos jovens, tornando-os autênticos rurbanos.

### *2.3 O desejo de ver o horizonte temporal rural mais próximo do que distante!*

Os jovens «estrategas», em conjunto com os jovens «convertidos», são o oposto do terceiro grupo de jovens. Os primeiros valorizam os horizontes temporais urbanos com tal devoção que os restantes horizontes são marginalizados e considerados como incapazes de lhes proporcionar o que mais aspiram na vida: para uns a mobilidade ocupacional; para os outros, a possibilidade de viverem as múltiplas temporalidades que herdaram ou conquistaram na urbanidade. Quer uns, quer outros, valorizam de tal modo os horizontes temporais urbanos, que a generalidade dos tempos sociais rurais acabam por não ser vivenciados com a mesma intensidade e sentido de entrega que os primeiros. Como alguns jovens evidenciam: os horizontes temporais rurais são o contraponto dos urbanos. Se os segundos são dinâmicos, imprevisíveis, capazes de provocar ansiedade e stress, diversificados, entre outros; os primeiros são compreendidos como sendo previsíveis, tranquilos, pouco stressantes, de fraco dinamismo e escassamente diversificados. Estas

valorizações, sobretudo idealizadas pelos jovens «estrategas e convertidos», assumem como plano de valorização, quer os tempos de trabalho, quer os tempos sociais de acesso à cultura, lazer, tempo livre, consumo e desporto.

No entanto, apesar do peso valorativo que estas temporalidades assumem na vida de alguns jovens, nem todos têm essa conceção.. Os jovens que procuram uma reaproximação ao concelho situam, ou melhor dizendo, procuram situar, as suas referências identitárias, pessoais e sociais, nos horizontes temporais rurais. Tendo migrado para os agregados urbanos por imposição dos obstáculos proporcionados pelas débeis estruturas socioeconómicas/produtivas da região, estes jovens encaram a saída como uma solução não desejada para os seus problemas (desemprego, pobreza, falta de perspectivas de futuro, dependência económica e residencial, etc.).

Desejando construir as suas vidas na linha do horizonte temporal rural, estes jovens são involuntariamente obrigados a seguir essa linha, transpor a sua fronteira e integrarem-se na contemporaneidade possível do horizonte temporal urbano. No entanto, esse horizonte somente os realiza profissionalmente, porque as suas disposições individuais de crer e agir (Lahire, 2005), herdadas no meio rural, seus horizontes e temporalidades, dificilmente encaixam na vida cidadina. Em primeiro lugar porque estes jovens ressentem fortemente a perda de sentido de lugar (Featherstone, 2001) provocada pelo sentimento de desenraizamento causado pela impossibilidade de encaixarem o sentimento de pertença na cidade. (Baronet, 2012) Em segundo, a transição entre o rural e o urbano impede que estes jovens perpetuem a memória coletiva que construíram ao longo das suas narrativas temporais. Ressentem assim, a perda dos valores locais de referência: as tradições, costumes, relações genuínas, expressivas e espontâneas. Em terceiro lugar, a migração entre o campo e a cidade implica um processo de desterritorialização dos laços sociais (Baronet, 2012), que implica uma desconexão psicossocial com a memória familiar e com as valências emocionais positivas relativas a familiares e amigos de confiança. Assim sendo, estes jovens são profundamente marcados afetiva e psicologicamente pelos desenlaces que a migração subentende. Deixando para trás cônjuges e ascendentes, filhos e amigos, estes jovens deambulam regularmente entre o campo e a cidade, dando expressão ao efeito que designamos de *boomerang* (resultado das migrações mais ou menos regulares entre a cidade e o campo). Estes jovens acabam por ser os «autênticos rurbanos», porque vivem entre os horizontes temporais urbanos e rurais como se ambos fossem uma só linha do horizonte.

Estes jovens revelam sentir uma maior familiarização com os horizontes temporais rurais, porque incorporam nas suas vidas hábitos de crença e ação (tradições, rituais, símbolos e cerimónias), que são interiorizadas e objetivadas enquanto formas simbólicas de identificação com uma cultura local própria do meio rural. Esses hábitos fortalecem o sentimento de pertença ao lugar, seus tempos sociais e temporalidades específicas, despertando memórias coletivas, identidades comuns e partilhas generalizadas entre a comunidade (vizinhos, conhecidos, amigos, familiares, parentes). A densidade das relações interdependentes construídas entre indivíduos cria temporalidades próprias e expressivas, que definem formas de coexistência de tal forma únicas que os horizontes temporais urbanos dificilmente as conseguem proporcionar. Entre essas formas de coexistência



destacamos os tempos familiares nos quais não só se compartilham valências emocionais positivas (Elias, 2005), como também formas de coexistência de existir-para, assentes no compromisso e na confiança (Bauman, 2007) ou mesmo memórias familiares (Zonabend, 1991), entendidas sobretudo como a partilha de papéis de família e ritos domésticos de sociabilidade e convivialidade dentro de um espaço familiar próprio. Serão estes «ingredientes sociais» que capacitam os «autênticos rurbanos» a valorizar com mais intensidade os horizontes temporais rurais em detrimento dos urbanos.

No entanto, forçados a migrar, sentem-se profundamente desenraizados das temporalidades que mais valorizam (os tempos sociais familiares e coletivos). Esse desenraizamento é acompanhado pelo sintoma psicológico de nostalgia pela perda do sentido de lugar em termos de um dado espaço físico e temporal (Featherstone, 2001). Implicando profundas alterações psicossociais, essa perda assume uma tal relevância na vida destes jovens que acabam por desenvolver estratégias de reaproximação ao espaço físico e temporal, no sentido de estabelecerem, apesar de ser de forma episódica, uma continuidade das experiências vividas dentro das temporalidades que mais valorizam (as esferas temporais coletivas e domésticas/familiares).

As estratégias de reaproximação aos horizontes temporais rurais são construídas e assentes no desejo de perpetuar no tempo essa continuidade. Impossibilitados de o poderem fazer de forma permanente, os fins de semana, feriados e férias são valorizados por estes jovens, enquanto temporalidades capazes de unir, selar e fundir os laços sociais que foram quebrados com o desenlace provocado pela migração. Essas temporalidades são super valorizadas pelos «autênticos rurbanos» e são vividas com extrema intensidade, porque elas representam a possibilidade concreta de eles entrelaçarem, nas suas biografias e identidades, as temporalidades rurais que mais valorizam. Nas palavras de Gustavo, agente da polícia judiciária a residir na cidade de Lisboa diríamos:

*“Identifico-me fortemente com o local onde nasci. É a minha terra. Identifico-me com um conjunto de valores locais, que são próprios da região [...] E tenho os meus amigos, a minha família e os meus filhos [...] Apesar de ter tido que prosseguir um trabalho fora do concelho, identifico-me bastante com a minha terra, e por isso venho cá todos os fins-de-semana [...] Se pudesse realizar a minha profissão aqui em Castro Daire, não pensava duas vezes [...] Regressava sempre a Castro Daire. É a terra que me viu nascer, onde tenho a minha família e amigos e onde me sinto bem. (Sousa, 2010)”*

Sinteticamente, podemos afirmar que os diferentes grupos de jovens valorizam distintamente os horizontes rurais e urbanos. Se os «autênticos estrategas» atribuem um especial valor aos horizontes temporais urbanos, por estes lhes permitir concretizar projetos, ambições e aspirações de mobilidade ocupacional; os «autênticos convertidos» desvalorizam as temporalidades rurais por estas serem incapazes de espelhar os traços identitários e as imagens que construíram de si próprios nos horizontes temporais urbanos. Os «autênticos rurbanos» são, no entanto, o contraponto dos primeiros. Valorizam expressivamente os horizontes e as temporalidades rurais, encarando instrumentalmente os tempos sociais vividos na cidade.

### 3. Entre valorizações diferenciadas existirão traços comuns?

Os enredos temporais são diferenciados e distintamente valorizados pelos diferentes grupos de jovens. Essas diferenças e valorizações significam sociologicamente que o tempo não é representado com a mesma medida, o mesmo peso, a mesma exatidão por quem o vive contemporaneamente. As suas temporalidades e os seus horizontes temporais são tão diversificados como essas diferenças e valorizações. Tal significa que elas encerram a perspectiva de que, pensar os sujeitos, enquanto «agentes temporais», capazes de agir e interagir com o meio que os influencia identitária e biograficamente, é sermos capazes de compreender que esses agentes perspetivam o tempo (rural/urbano, linear/descontínuo, interior/exterior) quase sempre por alusão às suas referências, valores, projetos, disposições, ambições e expectativas. Por outro lado, no contexto migratório interno, os horizontes temporais são valorizados consoante o jogo que os jovens definem entre as oportunidades objetivas dos contextos rurais e urbanos e as esperanças subjetivas de beneficiar das condições favoráveis desses contextos. Para os jovens estrategas a cidade favorece um tempo de trabalho capaz de permitir mobilidade; para os jovens convertidos a cidade favorece uma multiplicidade de temporalidades nas quais os jovens inscrevem as suas experiências sociais, ao mesmo tempo que definem as suas referências identitárias por sugestão a essas temporalidades; para os autênticos rurbanos o rural oferece o que não têm a tempo inteiro: as memórias (familiar e coletiva) que fortalecem o sentimento de pertença e o sentido de lugar.

No entanto, entre estas diferenças, existem aspetos em comum.

O primeiro é o valor que a generalidade dos jovens atribui à família. Quase sem exceção, a família é para os jovens migrantes um valor importante nas suas vidas. O estudo coordenado por Jorge Vala defende igualmente este argumento. Nos 21 países considerados no estudo, os aspetos associados aos afetos são os mais valorizados, onde a família aparece como o valor mais importante na vida dos europeus (Torres e Brites *in* Vala e Torres, 2006: 358). O tempo familiar é um tempo expressivo. Um tempo valorizado, repleto de múltiplas temporalidades que unem os jovens aos seus eu-significativos. As práticas domésticas de sociabilidade: a partilha de experiências e conhecimentos adquiridos nos horizontes temporais urbanos, o atualizar dos acontecimentos ocorridos na vida dos seus familiares; as práticas de convivialidade: os jogos em família, os jantares e almoços que se organizam, o visionamento de televisão, filmes e fotografias, as práticas de saída; as cerimónias comemorativas: casamentos, batizados, aniversários, Natal, Páscoa, são práticas que definem temporalidades específicas que os jovens valorizam por referência às valências emocionais, os afetos e a confiança que sentem em relação aos seus familiares. A forma de coexistência de existir-para, de que nos fala Zygmunt Bauman (2007), assente em três princípios: empenhamento, confiança e compromisso é uma forma característica dos ambientes familiares. Os jovens existem-para os seus familiares, como estes para os jovens. A entrega é assente na confiança de que os seus eu-significativos acompanharão «eternamente» as suas biografias sociais. Neste sentido, as temporalidades familiares são valorizadas pelos jovens por saberem que terão «sempre» o apoio emocional, afetivo, psicológico, e até financeiro, de quem se comprometem a existir-para.

O segundo aspeto em comum será a valorização atribuída ao trabalho. Todos os jovens entrevistados dão um especial valor ao tempo de trabalho, apesar de este ser representado, vivido e apropriado de formas distintas. Se o tempo familiar é valorizado expressivamente (pela partilha de afetos, valências emocionais, sentimentos) o tempo de trabalho é encarado, sobretudo, de forma instrumental: possibilidade de mobilidade ocupacional; solução para o desemprego, a pobreza, a dependência, a falta de autonomia; um modo de acesso a diferentes temporalidades sociais (lazer, desporto, consumo); um mecanismo de realização pessoal, etc. A migração entre o campo e a cidade surge no decorrer dessas estratégias instrumentais, sendo remetido o tempo familiar para segundo plano. Não se trata de uma questão de marginalização do tempo familiar, mas sim uma questão de prioridades. Para a generalidade dos jovens é prioritário que, na transição entre a escola e o trabalho, arranjem empregos e ocupações que lhes permitam realizar os seus projetos sociais, pessoais e profissionais e, assim, evitem os constrangimentos que se associariam à eventual condição de desempregados. Baseados novamente nas palavras de Gustavo diríamos:

*“Não havendo hipótese de permanecer em Castro Daire e tendo necessidade de ter proventos económicos que me permitissem constituir uma família, comprar uma casa, proporcionar uma boa qualidade de vida aos meus familiares tive que sair [...] Não tive outra opção [...] Acaba por não ser uma decisão [...] Isto é, uma não decisão, porque não tenho grandes possibilidades de escolha [...] Eu quase sou obrigado a ter que sair [...] Se ficasse por cá não teria a possibilidade de auferir rendimentos que me permitissem viver normalmente.”(Sousa, 2010)*

O tempo familiar será sempre uma referência positiva na vida destes jovens, apesar de o vivenciarem nas «brechas» do tempo de trabalho.

Por fim, o terceiro aspeto em comum será o facto de todos os jovens visitarem episodicamente o concelho. Procuram nas «brechas» do tempo de trabalho (fins-de-semana, feriados e férias) atribuírem uma certa continuidade às temporalidades que valorizam e que ficaram para trás. O reavivar do tempo familiar; das sociabilidades e convivialidades entre amigos e conhecidos; o tempo de repouso, da abstração das intensas e dinâmicas temporalidades urbanas, são algumas das razões que levam estes jovens a migrar episodicamente da cidade para o campo. Como diria João “sou uma pessoa um bocado sentimental e gosto de fazer os meus desportos, que faço em Castro Daire. Gosto de estar com os meus amigos e venho [...] Visito várias vezes, e adoro a minha família e gosto [...] Gosto de passar tempo com ela enquanto me é possível.” (Sousa, 2010) Já Cristiana recenseadora agrícola a residir na cidade de Lisboa afirma: “A vida em Lisboa é uma vida muito stressante. É o que eu posso tirar [...] O facto de viver lá em baixo [...] Convivo sempre sobre pressão. É um stress terrível. Sempre a correr de um lado para o outro. Enquanto aqui é a calma total [...] Fica-se muito mais calmo quando vamos para baixo” (Sousa, 2010).

Por estas e outras razões, as deambulações episódicas entre os horizontes temporais urbanos e rurais definem um efeito que designamos de boomerang. Decorrente das migrações mais ou menos regulares entre o campo e a cidade, o efeito boomerang tem o poder de unir as biografias destes jovens num mesmo horizonte temporal, que não é rural, nem urbano mas rurbanos, porque os jovens por via dessas deambulações conseguem atribuir

uma sequência narrativa às múltiplas temporalidades urbanas e rurais. É comum, por exemplo, no que toca às sociabilidades entre pares, que os jovens sequenciem na cidade as narrativas que constroem junto dos seus amigos de trabalho, colegas e conhecidos e, quando retornam ao local de origem, o façam também relativamente às amizades que fizeram na infância e adolescência. Usando as palavras de Emanuel diríamos: “Existe um grande laço, um grande laço mesmo com Castro Daire e existem várias atividades que me fazem voltar a Castro Daire como o jantar com os amigos que são de Castro Daire [...] São várias as atividades e isso é importante para continuarmos a ter este laço com Castro Daire.” (Sousa, 2010) Realçamos, no entanto, que esta evidência será sobretudo favorável no contexto das migrações internas. No contexto emigratório, por exemplo, será mais difícil os jovens atribuírem uma sequência narrativa às suas múltiplas temporalidades, nacionais e internacionais, porque o grosso do tempo é passado fora das fronteiras do país, não sendo possível, por exemplo, reaver, animar e dar a continuidade desejada às temporalidades vividas no seio familiar.

Os horizontes temporais rurais e urbanos são também rurbanos. A linha que os separa é unida pelo efeito *boomerang* e as dinâmicas de atração-repulsão, entendidas como a combinação simultânea de condições que atraem e fixam e outras que afastam e repulsam. Viver entre ambos os horizontes temporais, como se ambos fossem um só, é uma característica comum entre os diferentes grupos de jovens. Apesar de as múltiplas temporalidades serem percebidas distintamente pelos diferentes jovens, evidenciamos um facto: os jovens, as suas narrativas e enredos temporais, são complexos, interdependentes e relacionais. O carácter aparentemente sólido e homogéneo das suas narrativas temporais, denota ser, também, líquido, híbrido e heterogéneo. No âmbito do nosso estudo, podemos afirmar que as biografias dos jovens estão situadas no meio quebrado entre os horizontes temporais urbanos e rurais, tendendo para um lado ou para o outro, consoante o sentido que os jovens atribuem às suas narrativas.

## **Conclusão**

O valor que os jovens atribuem aos seus horizontes temporais é analiticamente diferenciado consoante o grupo de jovens em questão. Não havendo uma valorização padrão definidora de um grupo único e homogéneo, esta é inscrita socialmente nas biografias dos jovens por referência ao modo como estes se relacionam com as múltiplas temporalidades dos seus horizontes temporais. Se os jovens atribuem um especial valor ao tempo de trabalho, por este lhes proporcionar mobilidade ocupacional, já os jovens convertidos não assumem tanto essa ambição. Valorizam sim, as múltiplas temporalidades que conquistaram na urbanidade e que moldaram os seus hábitos de ação, as suas disposições individuais de crer e agir e os seus capitais psicológicos. Se para estes jovens a cidade gera interesse, satisfação e contentamento, para os autênticos rurbanos a vida na cidade é sentida de forma nostálgica porque sentem fortemente aquilo que Bauman já designou de «nostalgia do lar». Tal como Bauman (2007:103) postula a “«nostalgia do lar» é um sonho de pertença – o sonho de se ser, por sua vez do lugar, em vez de se estar somente no lugar.” O certo é que estes jovens sentem-se desenraizados na cidade, pelo seu lugar de referência se situar no horizonte temporal rural.

Tanto os horizontes temporais rurais como urbanos por vezes se confundem nas vidas destes jovens. É sob o efeito boomerang que os jovens vivenciam episodicamente os horizontes temporais que mais valorizam (tempo familiar e de trabalho), permitindo que haja uma sequência narrativa das temporalidades rurais e urbanas. Sendo um traço característico do nosso universo de análise, viver entre horizontes é uma prática episódica. Apesar de os jovens o fazerem em temporalidades específicas, deambular na linha dos horizontes rurbanos somente é possível porque as narrativas temporais destes jovens são construídas por referência tanto ao horizonte temporal rural, como urbano.

A linha dos horizontes funde-s,e por vezes. Através dessa fusã,o os jovens apropriam complementarmente os tempos rurais e urbanos, incorporando-os nas suas biografias de forma identitária. Ser-se rurbanos é ser-se capaz de experimentar múltiplas realidades temporais, rurais e urbanas, numa mesma sequência narrativa, construindo-se assim, biografias, identidades e performances que nascem dessa experiência.

### Referências

- Albarelo, Luc [et al] (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Baganha, Maria Ioannis B. (1991). Uma Imagem Desfocada – a Emigração Portuguesa e as fontes sobre a Emigração. *Análise Social*, vol: XXVI , nº 112-113, 723-739.
- Baronet, Paulo R. (2012). *As migrações entre o campo e a cidade: quem migra e porque se migra?*. Copyright (Artigo a ser apresentado no VII Congresso Português de Sociologia, Porto)
- Bauman, Zigmunt (2007). *A Vida Fragmentada: Ensaio sobre a Moral Pós-Moderna*. Lisboa: Relógio de Água.
- Bourdieu, Pierre (1998). *Meditações Pascalianas*. Oeiras: Celta Editora.
- Elias, Norbert (2005). *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- Garcia, José Luís, Org (2000). *Portugal Migrante: Emigrantes e Imigrados, Dois Estudos Introdutórios*. Oeiras: Celta Editora.
- Featherstone, Mike (2001). Culturas Globais e Culturais Locais. In Fortuna, Carlos (orgs). *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de Sociologia*. Oeiras: Celta Editora.
- Ferrão, João (1996).Três Décadas de Consolidação do Portugal Demográfico «Moderno». In Barreto, António [et al.] (1996) *A Situação Social de Portugal, 1960-1995*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Ferrão, João y Jensen-Butler (1988). Existem «Regiões Periféricas» em Portugal?. In *Análise Social*, vol. XXIV, 100, 355-371.
- Lahire, Bernard (2005). Patrimónios Individuais de Disposições: Para uma Sociologia à Escala Individual. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, 11-42.
- Melucci, Alberto (1997). Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*, 5-6, 5-14.

- Peixoto, João (2004). *As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas* [Working Paper N° 11]. SOCIUS, Lisboa, Portugal.
- Reis, António (2000). *Retrato de um País em Mudança*. Lisboa: Círculo de Leitores
- Sousa, Paulo Renato Baronet de (2010). *As Encruzilhadas do Despovoamento: Interior, Jovens e Emprego. O Caso do Concelho de Castro Daire*. Tese de Mestrado, Coimbra, Portugal. Disponível em [https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/14474/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o2010\\_PauloBaronet.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/14474/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o2010_PauloBaronet.pdf)
- Vala, Jorge & Torres, Anália orgs (2006). *Atitudes Sociais dos Portugueses; Contextos e Atitudes Sociais na Europa*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais.
- Zonabend, Françoise (1991). A Memória Familiar: Do Individual ao Colectivo. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 9, 179-190.